

# Elisa Alicia Lynch: A Dama de Aço do Paraguai

Luciara Silveira de Aragão e Frota  
Historiadora, Jornalista e Analista de Política Internacional

Resumo :

Este trabalho mostra uma nova visão da irlandesa Elisa Alicia Lynch longe da figura de prostituta manipuladora que incitou o Marechal Solano López o começo da Guerra do Paraguai. Dentro de uma corrente revisionista histórica apoiada por Marc Bloch propondo uma nova análise do papel dela na vida de Solano López e do Paraguai. E comentando a literatura sobre o assunto.

Palavras – chave : História , Guerra do Paraguai, Biografia e Brasil – Paraguai.

Summary:

This work shows a new vision of irish Elisa Alicia Lynch far from a manipulative prostitute ' s figure who urged Marshal Francisco Solano López the beginning of the Paraguay ' s war . In a historical revisionist current supports in Marc Bloch proposing new analysis of her role in Solano López ' s life and Paraguay ' s life. And commenting on the literature on the subject.

Key – words : History, Paraguay ' s war, Biography and Brazil – Paraguay.

A extraordinária figura de Elisa Alicia Lynch, (1835-1866) personagem emblemática da história paraguaia à época da guerra com a Tríplice Aliança (Argentina-Brasil-Uruguai), que culminou com a devastação da nação guarani, parece um fascinante desafio ao historiador comprometido com o seu trabalho. Irlandesa de nascimento e de uma beleza ímpar conseguiu amear poderosos inimigos que a caluniaram, menosprezaram e a perseguiram após a sangrenta Guerra do Paraguai. Nasceu a 3 de junho de 1835, na ilha de Cork- Irlanda, já sob o signo da contradição, pois a mãe Elizabeth Lloyd era protestante, mas o pai, John Lynch era um médico rural, além de um católico nacionalista. Como evidência, deve ter prevalecido o desejo do pai, pois foi batizada como católica em Charleville, no Condado de Cork. Elisa Alicia tinha três irmãos, sendo dois irmãos e uma irmã, casada com Tamburini, crítico musical do II Império francês<sup>1</sup>, que a influenciou na sua decisão de estudar piano. Elisa Alicia recebeu uma excelente educação no exclusivo Trinity College de Dublin, onde estudou até os 15 anos, junto a moças da alta aristocracia.

Sem dúvida, Elisa Alicia foi a mulher mais famosa e destacada da história Sul americana, figurando entre as mais ricas do mundo no século XIX. Sua figura converteu-se no eixo central de uma vasta produção histórica e literária tanto em espanhol como em português e mesmo em inglês e francês, composta por biografias, novelas, centenas de artigos em

revistas e jornais além de ser alvo de caricaturas grosseiras e insultantes como as publicadas na imprensa do Rio de Janeiro. Seus atos foram objeto de informes diplomáticos a Paris, Londres e Washington, ao imperador do Brasil e aos presidentes da Tríplice Aliança." Como um todo, seus inimigos coincidiam no julgamento de que era formosa, glamorosa e sensual. Viveu no epicentro de um dos cataclismos mais devastadores da Idade Moderna, do qual, segundo a opinião de seus inimigos, foi em grande medida responsável".<sup>2</sup>

Para a historiadora paraguaia Ana Barreto<sup>3</sup>, faz-se necessário uma revisão histórica sobre o papel de Elisa Alicia Lynch pela existência de uma preocupação maior em consultas e pesquisas sobre ela do que propriamente sobre a vida do Marechal Francisco Solano López. Para ela, trata-se da busca de um equilíbrio no refazer de uma memória entre os exageros que terminam imbuídos de relatos literários sobre construções ideais ou meramente fictícias sobre a sua vida, além da planfagem adocicada em torno do seu nome. Nessa linha revisionista, já em 1985, o brasileiro Fernando Batista após anos de pesquisa, inclusive na Argélia, já publicara uma biografia romanceada sobre Elisa Alicia nos melhores moldes da austríaca Anne Marie Selinko e ganhara o prêmio do Instituto Nacional do Livro em júri do qual eu tive a honra de integrar. De modo mais recente, Michael Lillis diplomata irlandês em visita ao Paraguai, ouviu pela primeira vez falar de Elisa Lynch em 1991. Atraído pelo tema, formou uma equipe internacional de pesquisadores com o historiador Ronan Fanning, especialista em relações britânico-irlandesas e professor responsável pelas aquisições do arquivo do University College Dublin, a mais importante de Irlanda. Juntos esclareceram calúnias contra Elisa Alicia donde o título do seu livro. Quando o helicóptero do comandante Rolim, um dos donos da TAM, também integrante da equipe, caiu no Paraguai, executava um voo precursor para localização em Cerro Corá do local exato onde tombou o Marechal López.

Muita tinta e papel já foram gastos com o assunto da Guerra do Paraguai numa prova do interesse que o tema desperta. Não se entendendo a história como uma ciência do passado, pois segundo Marc Bloch o passado não é objeto de ciência, entra no jogo "a importância do passado para a compreensão do presente e vice-versa".<sup>4</sup> O passado é assim uma estrutura em progresso sendo as questões que condicionam o objeto e não o seu oposto. Este tipo de visão crítica nos afasta daquilo que Le Goff denominava "imperialismo de documentos" e convida a ir mais além das tricheiras, no caso da Guerra do Paraguai, onde cada envolvido defende-se de ser ou não ser o vilão. Mas, remar contra uma história de cunho exclusivo político e militar representa também afastar-se de uma história até aí segura e mais tranquila. Os esforços desses pesquisadores por uma revisão histórica baseiam-se no reconhecimento do fator interdisciplinaridade do tema, revestindo-o de questões de fôlego mais amplas, e a ela correlatas, como o papel de Elisa Alicia na vida do marechal López e na história paraguaia.

Apesar de alguns hiatos sobre o seu passado, sabe-se que o seu casamento em 1850, durante o segundo império francês, coincide praticamente com o golpe de Estado de 1851, produto da vontade dos bonapartistas em reporem o sufrágio universal, seguindo-se o

restabelecimento do império hereditário e suas medidas conservadoras com Luis Bonaparte. Viviam-se a prosperidade da década de 1850 quando o imperador fazia-se rodear por uma elite política e administrativa realista, apoiando-se no clero católico e na burguesia. Paris era o centro de exposições mundiais, uma convergência da divulgação do progresso cultural e industrial do mundo. O seu parentesco indireto com Tamburini deve lhe ter facilitado, após a curta duração do seu casamento, o acesso ao *grand-monde* após o seu regresso à cidade luz. Não se pode negar o choque cultural por ela vivido desde o seu transplante europeu para o Paraguai. Ela presenciou o apoio do governo imperial à renovação da banca e do crédito, o alargamento da rede ferroviária e as renovações urbanísticas empreendidas por Haussman, em Paris, e por Vaisse, em Lyon. Ao lado da liberalidade dos costumes viu, por outro lado, o convívio de medidas restritivas como a Lei da Imprensa e o avançar para um regime mais liberal com a perda do apoio dos católicos e o avanço crescente da industrialização britânica. O governo imperial procurou o apoio da pequena burguesia e da classe operária, optando por uma

educação anticlerical e fazendo concessões na prática parlamentar e nas liberdades de imprensa e de associação. O regime autoritário onde ela viveria sob o comando do pai de Francisco no Paraguai e, depois o dele próprio, entretanto não foi como no caso francês, transformado, aos poucos, num regime liberal após o plebiscito de 1870. O caráter oposicionista praticamente inexistia no Paraguai onde o cargo maior da república era vitalício e hereditário, dependendo da indicação do seu ocupante. O ato final com a derrota de Sédan<sup>5</sup>, após a declaração de guerra contra a Prússia, mostrou o despreparo militar com o aprisionamento de Napoleão III, que López tanto admirara, e coincidiu com o final da Guerra do Paraguai e a morte de Francisco López.

**O matrimonio de Elisa Alicia, com “apenas 15 primaveras, com Xavier de Quatrefages, um homem de 37 anos, não tinha uma razão de ser, já que ela o aceitou somente por estar nesse momento deprimida por causa das segundas núpcias de sua mãe com o britânico José Kinkley, de religião protestante e intransigente com o catolicismo dos Lynch, cujo um dos tios eram o bispo Schnnock. A isto se agregava a saudade que a acabrunhava em razão da incorporação do seu irmão John Lynch na Real Marinha Britânica, onde chegou ao grau de almirante, como seu tio Patrício Lynch. Todo influiu para que aceitasse casar com Quatrefages. Ademais, depois de estar internada durante quatro anos no Trinity College, anelava intensamente por conhecer o mundo, não tinha esperança alguma para ela pela orfandade em que estava mergulhada, sem suspeitar sequer o que o destino lhe tinha preparado: viver entre a Europa e a guerra, entre o poder e o estigma, entre o amor e o despeito que soube afrontar com notável inteireza até o seu trágico desenlace.”<sup>6</sup>**

Essa primeira união com o farmacêutico do exército francês, Xavier de Quatrefages, deu-se em uma igreja protestante na Inglaterra. Eles residiram inicialmente em Paris e depois na Argélia onde ele foi chefiar o Serviço de Saúde do Exército Argelino. Além da presumível falta de amor, a

união não chegou a ser reconhecida na França porque Quatrefages não solicitou formalmente permissão ao ministro da Guerra. Segundo a lei francesa a permissão era exigida para casamentos com estrangeiros. Elisa Alicia sofreu então a humilhação de se mudar com o cônjuge de posto em posto do Exército, mais como uma seguidora de acampamento do que como uma esposa até 1853. O não reconhecimento dessa união permitiu que a posição dela ao lado de Quatrefages resultasse na de uma amiga com dúbia conotação. Ela não podia ser, portanto apresentada socialmente aos colegas do marido no Exército francês e em consequência às suas famílias. Se ele o fizesse, incorreria na pena de desligamento do corpo dos oficiais. Durante este período de sua vida ela aproveitou o seu tempo na Argélia para tornar-se uma exímia amazonas, o que lhe seria de tanta utilidade mais tarde, quando primeira dama do Paraguai. Em meio dessas controvérsias, e talvez, pela propagação do assunto de sua aparente disponibilidade como não oficialmente casada e pela sua extrema juventude, tornou-se alvo fácil para disputas. Atraindo olhares masculinos, despertou paixões e motivou um duelo entre um conde russo, Milkail Alexandrovitch Meden e o Coronel francês D'Aubry, comandante do marido e a quem este não pode salvar. A repercussão do assunto foi penosa a Quatrafages e em 1853, eles se separaram e ela saiu da Argélia.

Quando Elisa Alicia partiu da Europa rumo ao Paraguai, onde viveu quinze anos, certamente imaginou uma vida sem rasgos febris e de uma pacífica continuidade, mas se lhe deparou ser vista e julgada de uma forma hostil e desfavorável em razão das múltiplas calúnias ainda hoje creditadas a sua memória. Ao longo do tempo, Francisco Solano López (1827-1870), o homem *muy guapo*, por quem se apaixonara, fez dela a sua confidente e, em outros momentos, ouviu e partilhou com outros membros políticos da assessoria de Francisco López, confidências mesmo involuntárias. Essa confiança que Francisco lhe tributou, advinha da credibilidade com a qual lhe honrava, frutos do amor, lealdade, devotamento e da coragem demonstrada até o trágico final em Cerro Corá, mais além da esperança que tudo lhe fez suportar. Em compensação, foi vítima vulnerável das tramas e insídias cochichadas ao pé do ouvido por seus inimigos a uma época, em que nos diz Lita Cáceres “as mulheres eram consideradas adornos para prazer estético e, uma vez casadas passavam a ser sacerdotisas de atividades que não transcendiam seus lares” e assim ela rompeu moldes obsoletos criando novas formas.<sup>7</sup>

Foi assim desde o choque da sua presença ruiva e elegante ao chegar a Assunção despertando invejas, rivalidades e paixões. Sua memória, profundamente manchada pelo julgamento social machista da época, pelo despeito a sua condição de preferida por Francisco, dentro das imensas opções que tinha para escolha de uma primeira futura primeira dama para o Paraguai, chega até nós, sublinhada pelo crivo dos seus detratores, em detestáveis distorções, assim desfocada e desfavorecida. Será assim pelo menos, até que a insistência dos historiadores se distancie das bisbilhotices e com essa mesma disposição se consiga organizar racionalmente o tema desastroso da Guerra do Paraguai, reabilitando nas sociedades latino-americanas figuras como a de Elisa Alicia, reconstruindo com a sua memória o próprio conhecimento de si mesmas. Para tanto, uma das preocupações básicas é mensurar as mentiras e erros alertados de que

“os testemunhos mais insuspeitos em sua proveniência declarada não são necessariamente, por isso, testemunhos verídicos”.<sup>8</sup> Não é tarefa fácil constatar embustes e muito menos rastrear-los. No caso de Elisa Alicia, observa-se da leitura de algumas fontes, a subsistência de dúvidas sobre seu passado e a recorrência de chavões e rótulos como “prostituta irlandesa”, mesmo na recente produção historiográfica brasileira sobre a Guerra do Paraguai como a de Leandro Warloch tomando-a por *cruel e prostituta*<sup>9</sup> bem como com o cognome *Elisa, a cruel*,<sup>10</sup> e a de Doratioto também rebaixando-a quando a ela se refere, em *A Guerra Maldita da Cia das Letras* 2002.

Em 1864, quando a Guerra do Paraguai foi deflagrada Elisa Lynch tinha 30 anos. O Visconde do Rio Branco, nomeado conselheiro de estado, assinou neste ano em Buenos Aires e Montevidéu, a declaração de guerra contra o Paraguai. Quando Ministro dos Estrangeiros em 1868, no *gabinete* Itaboraí, foi enviado em nova missão ao rio da Prata e assinou o acordo que firmou a paz com o Paraguai em 1870. Nessa missão, ele providenciou e facilitou a tramitação dos documentos relativos à retirada de Elisa Alicia de Assunção para Londres. Antes da guerra, o Paraguai vivia uma época de prosperidade, sendo um dos poucos países latino-americanos, em fins do século XIX, a não possuir dívida externa e tendo conseguido montar um exército valoroso e disciplinado. Do ponto de vista estratégico, faltava ao País uma saída para o mar, parecendo-lhes imperioso a independência da navegação na bacia do Rio da Prata, controlada por argentinos, brasileiros e uruguaios. Esta, uma razão principal da Guerra com uma historiografia ainda sem consenso. Então, a população da capital Assunção não chegava a 20 mil pessoas, em sua maioria composta de mestiços e índio guaranis, e, só aproximadamente cerca de 1.500 integravam a elite branca e hispânica. Este grupo dirigente, restrito e seletivo, o qual incluía a família López, rejeitava Elisa Alicia desde a confirmação de sua vinda e da saída dela do porto de Bordeaux, em 10 de novembro de 1854, até Buenos Aires, o principal porto regional. O apaixonado Francisco Solano então o filho do ditador, pois a sucessão ao pai, Carlos Antonio López, só ocorreria após sua morte em 1862, era apontado como vítima da prostituta calculista, assim rotulada pelos irmãos, dando início ao rol de acusações que imputariam a ela, mais tarde, incluso, a de ser responsável pelo início da Guerra do Paraguai (1864- 870).

Elisa Alicia e Francisco conheceram-se em Paris em 1854. Ele estava em Paris como embaixador plenipotenciário do seu País para a compra de navios e de armamentos e frequentava a corte de Napoleão III, bem como, os famosos salões intelectuais e aristocratas usuais da época. Ele, na época como embaixador plenipotenciário do seu País, estava na cidade em missão diplomática e de aquisição de armamentos. Ela havia emigrado com sua família para Bologne-sur-Mer, na costa norte da França após desfeito o seu casamento e depois fora morar em Paris.

Um ano depois de conhecer Francisco López, ele pagou a Quatrefages, para que aceitasse o fato de que ela teria direito a suas propriedades, renunciando à condição de marido. Apesar de Elisa Alicia não ter sido casada oficialmente com Francisco López, podendo este seu casamento anterior ser posto como um empecilho, ele reconheceu a paternidade dos

seis filhos de ambos e até o do filho do primeiro marido dela. O assunto não é unânime entre os seus biógrafos. Para alguns, enquanto após um ano e meio de permanência na Europa, López regressou no Tacuari, um esplêndido navio de guerra <sup>11</sup> ela veio depois no vapor Rio Uruguai e permaneceu em Buenos Aires, onde em janeiro de 1856, nasceu-lhe Juan Francisco Lynch de Quatrafages, pois ela continuava casada oficialmente com o militar francês. <sup>12</sup> Eles não residiram, contudo “no palácio do governo nem ela foi convidada à missa dominical das 10 horas, que reunia a elite paraguaia. Falava alto a religiosidade preconceituosa das assuncenas abonadas, que condenavam uniões extraconjugais, e por certo viram a perda de oportunidade de uma dentre elas ascender a primeira dama do País. Chamavam a estrangeira de La Madama, em oposição à La Señora D. Juana Paula Carrilo de López, mãe de Solano, casada com D. Carlos Antonio López, que nunca admitiu a intrusa no palácio” .<sup>13</sup>

**Contra esse preconceito se insurge o escritor paraguaio Antonio Flecha. Ele indaga no introito do seu trabalho biográfico sobre ela, como seria possível que uma dama como Elisa Alicia Lynch, cujo sobrenome deriva da província de Linchester, no reino de Irlanda, onde se fundou a casa Solar Schnnock Lynch, com o papel que lhe coube cumprir como inseparável companheira do marechal no longínquo Paraguai pudesse ter um final sem as riquezas que teria usurpado no País, além de outras calúnias que se proferiram contra ela no meio onde viveu desde 1855 até 1870. <sup>14</sup>**

Em 1864, quando a guerra estourou, a companheira de Solano López tinha 30 anos. Na falta de qualquer menção a Elisa Alicia nos arquivos paraguaios e à distância dos acontecimentos explosivos da guerra, a maioria de seus biógrafos se baseou principalmente nos escritos e testemunhos imediatos em sua maioria coléricos e facciosos. Esse fato favoreceu a convicção, ainda hoje predominante, fora do Paraguai de que ela exerceu influência ilimitada e malévola sobre López, incentivando-lhe a ambição e concorrendo para a efetivação dos seus atos de guerra. Seria uma corresponsável pelo incitamento dele ao cometimento de crueldades contra membros de seu próprio governo e contra cidadãos do povo, colaborando para as práticas de prisão, tortura e execução de centenas de pessoas.

A Guerra, ainda objeto de grandes embates ideológicos na historiografia dos países envolvidos, tem no trabalho de Baptista <sup>15</sup>, por exemplo, o prodígio de equilibrar-se no meio termo dessas correntes divergentes e retrata com realismo a mecânica da ditadura de Marechal López. Acossado por ataques paranoicos, ele fez torturar e matar centenas de seus seguidores no ápice do seu delírio autoritário. Em 1868, mandou fuzilar seus dois irmãos, Angel Benigno e Venâncio, chegando ao paroxismo de levar aos tribunais de exceção as próprias irmãs, Inocência e Raphaela, e até mesmo a mãe, dona Juana Paula. No Paraguai, há hoje todo um esforço de parte de seus estudiosos e pesquisadores para rever essa parte triste de sua história despidendo-se dos vários vieses da impostura humana, fruto da negligência ao examinar os fatos ou do seu desconhecimento, sendo quase impossível dar razões exatas sobre o que pode ter levado alguns testemunhos a negar

e a mentir. Não lhes faltará competência no reabilitar a figura de Elisa Alicia distanciando-a dessas atrocidades, pois “os historiadores agirão sensatamente ao lembrar que todas essas razões não são sensatas”.<sup>16</sup> Aceitando-se “que só ela sabia controlar as suas obsessões com habilidade e devoção; apesar de em muitas ocasiões dele pudesse escapar” pode-se estabelecer uma dimensão mais exata do ato de compreender mais do que julgar, uma das nobres funções da história.

A maior dificuldade consiste na ausência de fontes fidedignas para que se amplie o conhecimento de outros fatos ligados a sua vida. Na classe popular, onde desde chegar ao Paraguai, era muito querida, há uma forte inclinação a julgá-la de modo afirmativo. Em 1961, sob o governo de Alfredo Stroessner ela foi declarada heroína nacional. Um primeiro reconhecimento público, fruto de uma política nacionalista e da direita paraguaia.

O representante diplomático dos Estados Unidos, William Washburn, em livro publicado em 1871, o diretor do principal jornal de Buenos Aires, La Tribuna, Hector Varela, e caricaturas na imprensa do Rio de Janeiro faziam essa acusação. Uma pesquisa nos arquivos da polícia francesa e nos registros dos meios de comunicação da época mostra que estas foram invenções infundadas de seus inimigos. Seu nome chegou a aparecer como integrante no livro *World's Wickedest Women*,<sup>17</sup> da escritora inglesa Margaret Nicholas, publicado em 1984.

No seu livro, a historiadora Ana Barreto, Alicia Elisa Lynch comenta que ela como a querida do Marechal López se converteu aos poucos após a sua chegada a Assunção em próspera comerciante graças a sua habilidade em negócios. Ao chegar ao Paraguai depositou cerca de 5.000 libras em seu nome na Tesouraria do Estado. Dada a modesta vida que então levava, e o fato de que Francisco comprou uma casa para sua mãe, infere-se que o dinheiro que usou de capital inicial não deveria ser seu. De todo modos, essas 5.000 libras esterlinas duplicaram-se ou triplicaram-se a cada ano quando ela entrou no mesmo sistema de monopólio de comércio que a família López tinha sobre couros, ervas, tabaco e gado. Ao tornar-se rainha da moda em Assunção tornou-se a maior provedora de artigos finos ingleses e franceses. Um dos seus amigos, com quem durante e depois da guerra teve um litígio, foi o Dr. William Stewart. Ela aproveitou bem todas as vantagens, que lhe outorgou Francisco e amealhou fortuna própria também confiscada.

Bela e sofisticada Elisa Alicia exerceu uma influência duradoura sobre o estilo de vida, os rigores da moda e a vida cultural dos paraguaios, especialmente em Assunção. Ela inovou com novas músicas e danças como a polca, introduziu o gosto pelos cardápios franceses no País, estimulou a cultura, sendo responsável pela montagem dos primeiros teatros privados, influenciou a modernização dos costumes, o gosto pelos artigos europeus e a familiaridade com a terminologia francesa. Incentivou iniciativas culturais,

pela nova cozinha e o aprimoramento da cozinha tradicional paraguaia, dentre outros exemplos que embelezaram a cidade de Assunção e as próprias mulheres paraguaias, com a introdução de novos conceitos em cremes e cosméticos. Alguns dos seus críticos gostam também de apresentá-la como uma alguém que “cultivava também os seus caprichos de mulher fútil, preocupada em se tornar uma grande anfitriã, cuidar da decoração do seu palácio e de casas de campo, divulgar a champanhe, a polca e os cosméticos” .<sup>18</sup> Não era só isso. Ela sabia desde Paris a arte da sociabilidade, a importância do ser anfitriã, como arte de receber, e a importância das mesas de poder. Historicamente, em Paris, desde o século XVIII, cafés e salões tornaram-se populares. Diferentemente dos cafés onde então não se permitia a presença de mulheres, os salões pontilhavam desde então como um local de sociabilidade pública a até certo ponto “passagem obrigatória para o êxito da carreira literária ou política”.<sup>19</sup> Neles, relações e contatos são feitas e desfeitas em função de diversões literárias e gastronômicas em dias fixos e quase sempre à noite. Por outro lado, os festins dos salões podiam fazer e desfazer reputações e Elisa Alicia os frequentou à sua época. Não soaria estranho que Francisco solicitasse o encanto dos seus serviços nesse mister. Já desde Luis XVI, no intuito de consolidar a sua posição junto ao rei, Necker ministro do rei, solicitou a sua mulher multiplicar esse tipo de recepção, sem esquecer os convites heterogêneos.

Como mulher de educação refinada, Elisa Alicia conhecia, na prática, as relações entre o ato de receber e as práticas políticas. Esta ligação transcende a mera manifestação de fartura alimentar. Justamente no século XIX, ao tempo de suas vidas, emergem as nacionalidades e a mesa se afirma como modelo de identidade a ser vista e analisada tanto na apresentação de pratos como nos gestos dos comensais. Isto é relevante para a compreensão contributiva de Elisa Alicia ao governo do Paraguai a partir da assertiva de que os membros de um grupo particular se vestem e comem de maneira similar.<sup>20</sup> No papel de grande anfitriã instrumentalizou bebidas e alimentos, pois segundo Levi Strauss a culinária de uma sociedade é uma linguagem que traduz inconscientemente a sua estrutura a menos que, sem o saber, restrinja-se a revelar suas contradições.<sup>21</sup>

Quando eles se conheceram em Paris, onde ele estava como ministro geral, frequentaram a corte de Napoleão III,<sup>22</sup> e juntos, um elegante cavaleiro e uma bela dama recém-saída de um casamento traumático, presenciaram recepções suntuosas com o uso de porcelanas de Sévres e da ourivesaria de Christofle. O gosto pelos artigos caros e principescos não era assim um assunto de ocasião. Ambos apreciavam o requinte em louças, talheres finos, joias e mobiliário de estilo. Tanto é assim, que após o vergonhoso episódio do saque de Assunção, as casas do casal foram saqueadas e alguns dos seus pertences adornam até hoje a Casa Rosada. Na mesma sala onde estava esse mobiliário o presidente Sarmiento recebeu D. Pedro II. Somente as casas dos oficiais paraguaios que se juntaram à ofensiva argentina foram poupadas.



Francisco conhecia as normas cavalheirescas, expressava-se em francês perfeito e aos 18 anos de idade, fora nomeado general de brigada. Comandou por duas vezes (1846 e 1849) as forças paraguaias enviadas à província de Corrientes para combater o governo argentino de Juan Manuel Rosas. Entre 1853 e 1856 viajou muitas vezes à Europa, onde estudou questões estratégicas e se familiarizou com o sistema militar prussiano, bem como com a organização do Exército francês. Durante suas viagens comprava armas e munições para as forças armadas paraguaias.

Em 1862, ano em que Francisco Solano López, assumiu a presidência, Elisa Alicia esteve à frente das comemorações que envolviam almoços, jantares, recepções e festas como a oferecida no Clube Nacional. Dominando a arte de receber com a suntuosidade nos jantares oficiais e diplomáticos, ocasiões que oferecem inumeráveis oportunidades de cometimento de deslizes, uma munição fácil de ser usada pela oposição, ela conhecia ainda os meandros, que podem ou não surgir nesses momentos, desempenhando o seu papel de novel primeira dama com perfeição. O acontecimento da subida dele ao poder forneceu a perfeita ocasião para alça-la em definitivo a posição de primeira-dama do Paraguai. Ela buscou dar esplendor a nação, portando-se com habilidade e favorecendo sempre as aproximações que poderiam representar solidificação política. Em sua casa na Vila Versalhes rodeada de jardins, à beira de um bosque, “recebia personalidades importantes, convertendo a residência em centro político e social de Assunção, formando uma espécie de corte à parte. Após a invasão, a casa foi transformada em hospital de guerra”.<sup>23</sup> Ela também recebia em outras casas que possuía como a de Patiño-Cuê, com dois espaçosos pavimentos, ornados de ostentosa colunata com grades de ferro fundidas e um pomar onde frutificaram árvores de origem europeia como pereiras, damasqueiros e macieiras.<sup>24</sup>

Elisa Lynch acompanhou as tropas paraguaias vestindo uniforme de coronel do exército, exercendo as funções de enfermeira-chefe, mas também revisando a construção de trincheiras e supervisionando o abastecimento dos soldados. Chegou a residir, muitas vezes, com os filhos nos acampamentos do exército paraguaio, a fim de não abandonar o seu companheiro nas duras fainas da guerra. Organizou um núcleo inicial de informação do qual se poderia dizer que foi o início do serviço secreto paraguaio, constituído por indígenas fiéis, infiltrados no exército e nas fileiras inimigas.<sup>25</sup>

Em 1868, ao final da Guerra, os que divergissem da sua política bélica eram presos e executados. Acusou vários de seus compatriotas de traidores e conspiradores, mandando executá-los, no denominado Massacre de São Fernando. Já no fim do conflito, as forças paraguaias estavam dizimadas. De um exército de aproximadamente 80 mil combatentes, restavam apenas 250 homens esfarrapados e famintos, que acompanharam o marechal Solano López e uma pequena multidão de sobreviventes civis, numa apressada fuga rumo ao nordeste do país, perseguidos pela tropa de 4.500 homens comandados pelo general Correia da Câmara. Solano López foi achado ferido e solitário quando tentava atravessar o rio Aquidabã, após perder a Batalha de Cerro Corá.

Ela também foi uma vítima da guerra: estava presente no desolado anfiteatro das montanhas de Amambay, palco da última batalha do conflito em Cerro Corá. Encontrou Solano López quando ele tinha acabado de ser atingido. Seu filho mais velho, Panchito, tentou defender a mãe dos soldados e apesar dos seus gritos de protesto, não se rendeu aos soldados brasileiros, morrendo nos braços dela. Fato unânime entre os seus biógrafos é o de que ela cavou com as próprias mãos uma fossa para enterrá-los.

Com o fim da guerra, Elisa submetida a calúnias que proliferaram contra ela, com a reputação arruinada e destituída do poder, foi detida e submetida à prisão em 1870. Sua situação só foi superada mediante "a oportuna e quase providencial intervenção do príncipe Gastão de Orleans e Bragança, o Conde D'Eu, então comandante das forças da Tríplice Aliança".<sup>26</sup> Após a sua expulsão de Assunção decidiu retornar à Europa, dirigindo-se a Londres. Foi levada pela necessidade de educar e sustentar os três filhos que sobreviveram, dos cinco que tinha. Para reaver o dinheiro usurpado pelo seu agente escocês, William Stewart, médico-chefe do Exército paraguaio durante o conflito, entrou com uma ação litigiosa na corte britânica, numa tentativa que não lhe foi exitosa. Em julho de 1870, ela também mobilizou advogados para reaver o dinheiro que ela e Francisco López haviam enviado a bancos ingleses. As propriedades de Mato Grosso não tiveram melhor sorte, mesmo com a atuação de Ruy Barbosa como seu advogado. Brasil e Paraguai incorporaram essas terras aos seus patrimônios.

**Em favor dela atuou o general Martin T. Mc Mahon, também de descendência irlandesa, estudioso de estudos jurídicos e atuação Nova York. Em 3 de julho de 1868, em plena guerra foi designado Ministro Plenipotenciário dos Estados Unidos no Paraguai. No seu regresso escreveu vários artigos e pronunciou conferências em favor da causa paraguaia. "Aceitou também testificar sobre os interesses de Madame Lynch no tribunal de Edimburgo, Escócia, assim como sobre sua conduta pública e privada no Paraguai."**<sup>27</sup>

A falência do Paraguai levou o país, assim como ela, à negociação pela validade do testamento de Francisco López. As terras dela e as dele foram declaradas patrimônio público, congelaram-se as contas em seu nome na Inglaterra e procurou-se saber o montante em poder de seus agentes comerciais. Expulsa de Assunção em 1870 foi de novo atraída ao Paraguai, por meio de um expediente nada ético promovido pelo governo do presidente Gill. Ele manifestou um interesse fictício na legalização de suas terras. O historiador norte americano Warren Dean citado pela historiadora paraguaia Ana Duarte assinalou o

fato de que se acreditava na existência de um grande tesouro escondido pelo ditador ou a seu mandado e que ela saberia a sua localização, podendo ser tentada a desenterrá-lo e confirmando, assim o seu local. O plano decerto incluía mantê-la sob a mais estrita vigilância e a ideia era só a de que chegasse até Assunção, pois ele nem sequer a recebeu, e por essa mesma época, um de seus agentes foi assassinado. Numa prova inequívoca de sua inteligência Elisa Alicia deixou com um capitão inglês todos os seus documentos. As evidências apontam para a possibilidade de uma tentativa de extrair dela, pela força, tudo o que pensavam que ela sabia sobre o assunto que lhes interessava.

O ensaio autobiográfico

Exposición y Protesta, publicado pela primeira vez em 1875, foi sua última reação pública à experiência no conflito. No relato de mais de vinte páginas, afirma: “Fui o alvo da fúria aparente dos homens que subiram ao poder no Paraguai, para governar sobre as ruínas de sua opulência e grandeza”. A partir de então, seu destino foi o anonimato. Elisa Lynch tinha 52 anos quando morreu em seu apartamento em Paris em 25 de julho de 1886, num elegante bairro parisiense.<sup>28</sup>

Inteiramente dedicada aos filhos, dos quais perdeu três em função da Guerra, Elisa Alicia foi uma mãe e mulher devotada aos que amou. O número de seus filhos, frutos da sua união com Solano López é controvertido entre os seus biógrafos. A árvore genealógica da Família López, contudo registra a descendência de ambos.<sup>29</sup> **O mais velho era Juan Francisco, Coronel de Cavalaria, morto em Cerro Corá aos 16 anos. Cavaleiro da Legião de Honra. Medalha de Amambay; Corina Adelaida, nascida em agosto de 1856 e falecida em fevereiro de 1857, aos 6 meses, de gastroenterite; Enrique Venancio, batizado em 12-10-1859, faleceu em Assunção, em novembro de 1917, como senador da nação. Venâncio foi o único filho que deixou descendência; Federico Loel, batizado em 1861. Ingressou na Organização Telefônica de Paris e não voltou ao Paraguai depois da guerra. Faleceu em Buenos Aires, onde procedia a instalação telefônica. Solicitou e obteve as permissões em Paris para a construção da câmara mortuária no cemitério de Pere Lachaise para sua mãe. Não deixou descendentes; Carlos Honório nasceu em 1861 e faleceu em Assunção em 1929, solteiro e sem filhos. Muito jovem, acompanhou a sua mãe a Europa e foi o firmante do convite para o enterro dela em Paris; Leopoldo que morreu em Londres pouco depois de terminada a guerra, tinha 6 anos quando chegou a Londres, e faleceu de impaludismo. Miguel Marcial faleceu menino em Paso Pucú, em maio de 1866, vítima de cólera, pouco depois da batalha de Tuyutí. Era afilhado de Venâncio Solano López que esteve presente em seu enterro simples.**

A Guerra do Paraguai deixou grandes perdas para todos os envolvidos e o leque para esclarecimentos de tópicos de discussão contempla vertentes como a política oficial britânica, a potencialidade comercial do Paraguai, os interesses estrangeiros e o de vizinhos mais

próximos, a dissimilitude dos sistemas econômicos regionais dentre outros tópicos. A memória é matéria pura da história e não de uma identificação com ela. Este um dos encantos das buscas para decifrar Elisa Alicia Lynch.

### **Bibliografia e Fontes**

BARRET, William. *Woman on Horseback, the Biography of Francisco Lopez and Eliza Lynch*. Nova York: Fredrick A. Stokes Company, 1938.

BARRETO, Ana, Elisa Alicia Lynch. Coleção Protagonistas da História no. 4 Assunção: ABC Collor.

BRAY, Arturo. *Hombres y Epocas del Paraguay*. Buenos Aires: Ed. Ayacucho, 1943.

BATISTA, Fernando. *Elisa Lynch mulher do mundo e da guerra*. RJ Biblioteca do Exército, 2007.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro Zahar, 2001.

Blomberg, Héctor Pedro, *La dama del Paraguay*, Club del Libro ALA, Buenos Aires, 1942.

DORATIOTO, Francisco. *A Guerra Maldita*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FLECHA, Antônio S.- *El Secreto de Madame Lynch*. Assunção Critero Ediciones, 2011.

FLORES, Hilda Agnes Hubner. *Mulheres na Guerra do Paraguai*. Porto Alegre : EdiPUCRS, 2010.

FROTA, Luciana Silveira de Aragão .*O Romance como fonte para a História: UnB, 1992. Fernando Baptista foi condecorado pelo governo brasileiro, bem como pelo Ministério da Defesa do Paraguai, onde foi membro honorário do Instituto de História e do Museu Militar.*

FRUTOS, Júlio César – *La Tríplíce Alianza una nueva visión*. In Revista Dominical – ABC COLOR – 13- 11 – 2011.

GALVÃO, Donizete. *Elisa Lynch nem vilã nem heroína da Guerra do Paraguai* in Revista América M Memorial da América Latina, no. 3, 2010.

MICHEL, Liles e Roman Fanning. *Calúnia – Elisa Linch e a Guerra do Paraguai*. Editora 3º nome, 2009.

PLÁ, Josefina – *La Gran Infortunada Alicia Elisa Linch* Assunção Univ. Católica Nuestra Señora de La Assunción Assunção: Critério ediciones, 2007.

Pomer, León, *La guerra del Paraguay. Política y negocios*, Centro Editor de América Latina, Buenos Aires, 1971, p. 241.

PRICE, Roger. *People and Politics in France-1848-1870* Cambridge: Cambridge University, 2004.

SMITH, Anthony. *National Identity* Londres: 1991.

TAUNAY, Alfredo D'Escragnoille Taunay, Visconde de. *A retirada da Laguna episódio da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Ediouro. 13<sup>a</sup>. ed.- Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

INFOPEDIA- O Segundo Império Francês nasceu com a eleição de Luís Bonaparte para Presidente da República, apoiado por orleanistas e legitimistas, que aproveitaram a desunião republicana. Surge uma nova força: o bonapartismo, frequentemente associado ao liberalismo de esquerda atraindo, sobretudo as classes rurais, devido ao seu programa voltado para o desenvolvimento econômico e para a justiça social.

Cf. *Segundo Império Francês*. In **Infopédia** [Em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2014 [Consultado 2014-08-16].

Disponível na WWW: [http://www.infopedia.pt/\\$segundo-imperio-frances](http://www.infopedia.pt/$segundo-imperio-frances)

#### Notas de rodapé

- 1- Price, 2004.
- 2- Lellis e Fannam, texto de apresentação, 2010.
- 3- Barreto, texto de apresentação, 2011.
- 4- Schwartz 2013 p.7.
- 5- Setembro de 1870
- 6- Flecha, 2011-Introdução.
- 7- Prólogo ao livro de Josefina Plá -2007.
- 8- Bloch, 2013 p.97
- 9- 2009, p126.
- 10 - Título de um dos seus capítulos p.128.
- 11 - Flores, 2010 p.83.
- 12 - (Flores, 2010 p.83.
- 13 - Flores, 2010 p.83.

- 14 - Cf. bibliografia.
- 15 - Frota, 1990 p.10.
- 16 - Bloch, op.cit. p.98.
- 17 - As mulheres mais perniciosas do mundo.
- 18 - Galvão, 2010 p.36.
- 19 - Albert, 2011 p.159.
- 20 - Smith 1991 p.91.
- 21 - Albert. Idem. Ibidem.
- 22 - Baptista p.24-62.
- 23- Taunay, 1958, p.48.
- 24 -Taunay,1958 p.51;Baptista p.25.
- 25 - Frota. Idem. Ibidem.
- 26 - Flecha, idem. Ibidem.
- 27 - Flecha. Op.cit. Ibidem.
- 28 - Michael e Lellis op.cit.idem.
- 29 - Flecha, 2011 ÁRBOL GENEALÓGICO DE LA FAMILIA LÓPEZ Op. cit.

\* – Doutora pela USP em História e pós – doutora em Relações internacionais pela Universidade de Buenos Aires e em História Econômica Administrativa pela UnB – DF. É professora titular da UnB – DF conferencista e jornalista.